



O TUIUTI

INFORMATIVO



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana
55 ANOS DA CONTRA-REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DE 31 DE MARÇO DE 1964**

ANO 2019

ABRIL

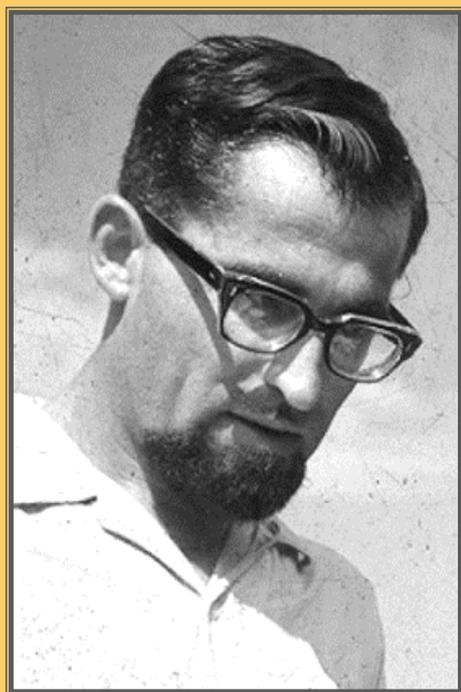
Nº 312

Os Waimiri-Atroari – Parte II

Hiram Reis e Silva, Porto Alegre, RS, 04.03.2019

Nota do editor: o artigo a seguir trata da grave questão da rodovia Manaus - Boa Vista onde, em determinado trecho e horário, os indígenas não permitem a passagem de veículos. Este artigo traz as reportagens com as origens da questão. Problema semelhante acontecerá na instalação do "linhão" de energia elétrica para Roraima. Desde quando os índios impedem o avanço do progresso e da segurança do país e não se tomam providências?

Expedição do Padre Giovanni Calleri



Fonte: A abertura de novas áreas de extrativismo, em Rios habitados por indígenas, Padre Giovanni Calleri, o Missionário que Amou os Índios... (Por Gianfranco Graziola).

Nascido em Carrú em 1934, Giovanni foi ordenado padre em 1957 pela diocese de Mondovì. Após a experiência pastoral de vigário paroquial em três paróquias de sua diocese, amadureceu sua vocação missionária e o desejo de partir para terras longínquas. Após um tempo de preparação, não sem obstáculos, em fevereiro de 1965 partiu como missionário da Consolata para a Prelazia de Roraima, norte do Brasil.

Dinâmico, generoso, carismático, e, sobretudo, apaixonado pelo Senhor, foi enviado para a Missão Catrimani, onde estabeleceu com os indígenas Ianomâmi, povo da floresta amazônica, uma relação de amizade e confiança recíproca. Por essa razão foi convidado a chefiar a expedição pacificadora entre os indígenas do Rio Alalau alarmados pela construção da BR-174 cruzando e ferindo sua terra. A expedição tinha objetivos humanitários e pacificadores, mas, [...] se transformou num massacre dos seus membros, cujos restos foram encontrados somente no dia primeiro de novembro de 1968.

Os restos mortais do padre Giovanni Calleri, por vontade de Dom Roque Paloschi, então Bispo de Roraima, foram colocados debaixo do altar mor da Igreja Matriz em Boa Vista.

Na sua última carta à família, padre Calleri escreveu: "se acontecer de eu morrer, saibam que foi por uma nobre causa". [...].

Jornal do Comércio, nº 19.925 – Manaus, AM - Quinta-feira, 10.10.1968 - Expedição Tentará Pacificação de Índios que Impedem Estrada

Uma nova fase para a construção da Rodovia BR-174, que ligará Manaus a Caracarái, se iniciará no próximo sábado quando desta capital partirá a expedição que vai tentar a pacificação dos índios Waimiri e Atroari. Sem a integração desses silvícolas não se pode pensar na continuação da abertura da estrada, e isso ressaltou antes o Cel Mauro Carijó, ao participar da entrevista que o Padre João Calleri concedeu à imprensa para anunciar o trabalho que agora vai realizar. A entrevista, convocada pelo Cap Alexandre de Souza, inspetor regional da Fundação Nacional do Índio [FUNAI], foi iniciada pelo Padre Silvano Sabatini, apresentando o seu colega roraimense, a quem a direção geral da FUNAI autorizou comandar a edição que agora se forma com aquele fim.

FEROZES

A experiência do Padre João Calleri, que há alguns anos vem se dedicando ao contato com os silvícolas, foi convocada tendo em vista a ferocidade ímpar dos Waimiri e Atroari que são os mais temidos da região. A isso se acrescenta uma tradição de ódio e desconfiança formada ao longo dos últimos 300 anos de infelizes contatos que com eles e os brancos tentaram estabelecer. Entretanto, a Prelazia de Roraima vem se firmando e adquirindo larga experiência de pacificação havendo sido notável o trabalho realizado com os Catrimani, como o Padre Silvano Sabatini lembrou ao apresentar João Calleri.

Os índios Waimiri e Atroari, cujas malocas se localizam exatamente na faixa por onde deverá passar a BR-174, são, por isso mesmo o grande de objetivo desta fase de construção da estrada estando sua pacificação a justificar a reunião de esforços da FUNAI, da Prelazia de Roraima, do Distrito local do DNER, que financiará quase toda a Expedição, do DER-AM, da Aeronáutica e do GEF.

EXPEDIÇÃO

Liderada pelo Padre João Calleri a expedição será formada por 08 homens e 2 mulheres [cuja presença dará aos silvícolas a impressão de um movimento normal de família] que de Manaus sairá no próximo sábado, em avião com destino ao Km 150 da Rodovia. Daí, os expedicionários, em helicóptero, atingirão o Km 212, último acampamento do DER-AM. (JDC, nº 19.925). No voo de reconhecimento, realizado a partir das 09h15 de ontem, é que os observadores do PARASAR, a bordo do "Catalina" 6225, localizaram alguns cadáveres da expedição comandada pelo Padre João Calleri, trucidada selvagememente pelos índios Atroari, nas proximidades do Alalau.

AS INFORMAÇÕES DO PARASAR

Logo após o regresso do "Catalina", e depois de conferenciar com os componentes da tripulação, o Tenente Ribas, coordenador geral da operação, reuniu os jornalistas que estão fazendo a cobertura do acontecimento e informou que os observadores do PARASAR haviam confirmado a existência de cadáveres nas proximidades da maloca 2 [esta é a identificação das malocas sobrevoadas na busca], sendo que dois corpos se encontram juntos, dando a se acreditar que tenham sido trucidados, pois os cadáveres não estão completos.

Outros cadáveres foram vistos nas proximidades pelos observadores, sendo difícil acreditar-se que existam sobreviventes, pois os índios usaram o sistema de torturas para liquidar os expedicionários, isto porque os dois cadáveres vistos com mais precisão estão amarrados.

PROVIDÊNCIAS ADOTADAS

Informou o Tenente Ribas aos jornalistas que diante do fato já havia solicitado ao Rio os recursos necessários para o resgate dos corpos e possíveis sobreviventes.

Assim é que somente hoje, provavelmente pela parte da tarde, estarão chegando a Manaus os elementos necessários, incluindo um avião Búfalo que transportará o PARASAR para a localidade de São Gabriel, que será a base de operações da equipe de resgate; um helicóptero "sapo", à jato, que fará o resgate dos corpos, além de outros aparelhos que sobrevoarão o local para assustar os índios durante as operações do PARASAR.

O LOCAL DO MASSACRE

Conforme já dissemos acima os expedicionários foram massacrados na maloca 2, a 235 quilômetros de Manaus, e a 61 quilômetros distante do posto do DER-AM, onde iniciaram a jornada para tentar a Pacificação dos Atroari.

Durante o voo do "Catalina" os observadores não constataram a presença de índios no local do massacre, mas nas aldeias próximas eles existem em quantidade, vindo todos a observar o voo do avião. O capitão Cordovil calculou que existem na localidade mais 3 mil indígenas.

EQUIPE CONFIANTE

A equipe de resgate se encontra confiante na sua missão que deverá começar provavelmente hoje mesmo, afirmando o comandante que todos os corpos serão resgatados, qualquer que seja a condição dos mesmos.

TORTURAS

Acreditam os observadores que os expedicionários foram torturados até morrer, motivo porque os seus corpos ainda se encontram praticamente inteiros.

Foram morrendo aos poucos, de acordo com as torturas que lhes foram aplicadas, daí surgir uma hipótese embora muito vaga, de que possa ser encontrado alguém com vida, desde que tenha tido forças para suportar os sofrimentos.

QUEM ERA O PADRE CALLERI

O Padre João Calleri, chefe da expedição era italiano de nascimento e se encontrava no Brasil há apenas cinco anos. Apesar disso já dominava bem o nosso idioma, chegando inclusive a falar alguns dialetos indígenas. Passou 3 anos pacificando os índios Catrimani e tinha larga experiência com os silvícolas e seus métodos de vida.

Antes de partir para esta expedição trabalhou cuidadosamente na sua organização, cuidando de detalhes que poderiam ser úteis ao bom desempenho do seu trabalho.

Lamentavelmente não alcançou o êxito desejado, sendo vítima dos elementos que tentava trazer para o seio da civilização.

OS COMPONENTES DA EXPEDIÇÃO

Além do Padre Calleri seguiam com a expedição duas mulheres, sendo uma delas esposa do radioperador, que fez questão de acompanhar o marido, pois era entusiasta de aventuras como essas; a outra era uma jovem amante de aventuras, já tendo participado de outras expedições no Catrimani, em Roraima; os restantes eram trabalhadores e funcionários do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

SERTANISTAS VIRÃO PACIFICAR

Com o propósito de colaborar nas operações deverão chegar hoje, em aviões da FAB, três sertanistas da Fundação Nacional do Índio, que juntamente com elementos do PARASAR, tentarão alcançar o local por terra, visando uma aproximação com os índios. Será uma iniciativa arriscada mas necessária, que muito virá ajudar nos trabalhos de resgate, possibilitando a que os elementos encarregados de içar os corpos para os helicópteros trabalhem com mais calma, deixando os índios de lado.

BASE AVANÇADA

Brasília, 22 [M] – O Serviço de Busca e Salvamento da FAB, informa que se for confirmada a existência de brancos massacrados nas proximidades da maloca de número dois, coordenada 012S/602W será instalada uma base avançada no campo de pouso de São Gabriel, para as operações de resgate dos corpos e possíveis sobreviventes. Fotografias tiradas à bordo de um avião "*Catalina*" revelam a existência de corpos, próximos àquela maloca. De São Gabriel partirá uma expedição de sertanistas e da PARASAR, a fim de pacificar os silvícolas. Serão utilizados helicópteros e aviões para a operação, que contará com o integral apoio do Centro de Busca e Salvamento, em Manaus, inclusive para contatos radiotelegráficos. (JDC, nº 19.961)

Diário de Notícias, nº 232 – Porto Alegre, RS, Sábado, 30.11.1968 Surgiu a Estória de um Branco no Massacre

MANAUS, 29 [Meridional] – Os silvícolas da região amazônica, numa autenticação de que alguma coisa está ocorrendo de anormal, receberam com flechadas um avião "*Catalina*" que sobrevoava o local, ao contrário do que faziam a anteriormente quando acenavam amigavelmente e para qualquer aparelho. Os ocupantes do aparelho da FAB todavia, não perceberam qualquer branco nas imediações, e já chegou a Manaus, vindo de São Paulo, outro helicóptero a jato, para substituir o aparelho que está operando na selva apoiado pela base avançada do Moura. Este, já esgotou o limite de horas de voo e deverá ser submetido a completa revisão.

Está circulando na capital amazonense a informação de que missionários norte-americanos teriam comunicado ao programa radiofônico "*A Voz da América*", dos EUA que a expedição do Padre Calleri não foi dizimada pelos índios. Seus elementos estariam perambulando pelas selvas. Na dolorosa sucessão de massacres dos Rios Alalau e Camanau sempre aparecem suspeitas de que hajam brancos por trás dos índios, insuflando-os contra a civilização – destaca o "*Jornal do Comércio*", órgão líder dos "*Diários Associados*" no Amazonas, comentando os chocantes acontecimentos nas selvas do nosso Estado.

Quando do ataque ao Posto "Irmão Brígida" do então SPI, em 1942 – acrescenta – correu a notícia da existência de um índio branco, até louro, entre os invasores. Causou desconfiança, também a transformação em pontas de lanças, usadas na ocasião, por instrumentos de corte, obtidos no mesmo Posto em troca de paz.

Ninguém ignora que a área que agora se desbrava é considerada como uma das reservas naturais mais importantes da região, flora e fauna, com indícios de outras riquezas.

O BRANCO MARUAGA

Rio [Sucursal] – A expedição do Padre Calleri pode estar prisioneira na tribo dos Atroari, ou ter sido massacrada pelos índios que são incitados por um branco venezuelano conhecido por Maruaga, segundo versão do PARASAR e confirmada pelo engenheiro-agrônomo Eduardo Celestino Sanata, que está abrindo a BR-174 e é profundo conhecedor da região. Esta versão ganhou consistência na localidade do Moura, depois que as autoridades da FAB deram maior atenção ao depoimento do mateiro Álvaro Paulo da Silva, que no seu relato inicial, fez referência à preserva de um branco entre os Atroari, que havia passado até então desaparecido.

A versão de que os membros da expedição estejam aprisionados numa das malocas geminadas dos Atroari é considerada importante pelas autoridades responsáveis pelas buscas e salvamento pois os cadáveres que foram fotografados e vistos anteriormente desapareceram, além de não ter sido encontrado nenhum vestígio concreto de violência. Um novo avião "Catalina" está sendo aguardado em Moura para auxiliar nas buscas.

Também deverá chegar um (avião) Búfalo, que tem condições para pousar e decolar de até 300 metros e oferece a vantagem de poder transportar mais homens e material.

Durante as buscas que compreendem um vasculhamento completo das malocas geminadas nas margens do Igarapé de S. Antônio, serão jogados centenas de espelhos de formato pequeno e cerca de cinco mil panfletos com instruções aos possíveis sobreviventes sobre os sinais que deverão emitir para os aviões que sobrevoam a região.

Indicam também os panfletos que devem ser construídas cruzeiros gigantes de madeira em todas as clareiras para observação dos tripulantes dos voos de reconhecimento.

As notícias sobre a presença de um branco entre os Atroari, ocupando uma função de liderança, corre há muito tempo por toda a região. Após o relato do mateiro Álvaro Paulo da Silva e a confirmação feita pelo engenheiro Eduardo Celestino Santana – que constrói a BR-174 – as autoridades colocaram o fato como uma pista importante para elucidar o desaparecimento dos membros da expedição.

As pessoas que já viram o branco venezuelano descrevem-no como um elemento alto e idoso e que exerce autoridade muito grande entre os indígenas que demonstraram em seus contatos anteriores com a equipe que trabalha na abertura da rodovia terem "profundo respeito pelo chefe Maruaga".

As operações de vasculhamento da área onde se localizam as malocas geminadas, último contato conhecido da expedição na selva, não evoluíram em nada mas deverão continuar com dois helicópteros. [...] (DDN, Nº 232)

Fontes:

DDN, Nº 232. **Surgiu a Estória de um Branco no Massacre** – Brasil – Porto Alegre, RS – Diário de Notícias, nº 232, 30.11.1968.

DIÁRIO CARIOCA, Nº 11.309. **Dente de Elefante paga Catequese de Índio na Amazônia** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário Carioca, Nº 11.309, 02.02.1965

JDC, Nº 19.961. **Buscas do PARASAR Revelam Chacina no Alalau** – Brasil – Manaus, AM – Jornal do Comércio, nº 19.961, 23.11.1968.

(*) *Hiram Reis e Silva é Canoeiro, Coronel de Engenharia, Analista de Sistemas, Professor, Palestrante, Historiador, Escritor e Colunista; Campeão do II Circuito de Canoagem do Mato Grosso do Sul (1989); Ex-Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA); Ex-Pesquisador do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX); Ex-Presidente do Instituto dos Docentes do Magistério Militar – RS (IDMM – RS); Membro do 4º Grupamento de Engenharia do Comando Militar do Sul (CMS); Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS); Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – RS (AHIMTB – RS); Membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS – RS); Membro da Academia de Letras do Estado de Rondônia (ACLER – RO); Membro da Academia Vilhenense de Letras (AVL – RO); Comendador da Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul (AMLERS); Colaborador Emérito da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG); Colaborador Emérito da Liga de Defesa Nacional (LDN). E-mail: hiramrsilva@gmail.com;*

AMAZÔNIA: "A MARCHA DA INSENSATEZ" I (Texto de 2011) [CUIDADO COM O SÍNODO DO VATICANO]

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

Nos anos 1980, a historiadora Barbara Tuchman publicou o livro *A Marcha da Insensatez – de Troia ao Vietnam*, um best-seller mundial. Ela

usou eventos históricos para mostrar como governantes criam condições objetivas para futuros desastres quando decidem movidos por ambições

políticas e vaidades, sem compromisso com os anseios e necessidades de seus povos e nações.

Insensatez qualifica a política impatriótica dos últimos governos brasileiros, na Amazônia, mesmo cientes da secular cobiça de potências estrangeiras, manifestada em sucessivas tentativas de suprimir ou limitar a nossa soberania na região. Nos anos 1850, Matthew F. Maury, oficial da Marinha dos EUA, propugnava a abertura da navegação na bacia amazônica e a sua ocupação por contingentes de negros após a abolição da escravatura naquele país. Em 1904, a Questão do Pirara resultou na perda de 19.600 Km² do território nacional para a Guiana Inglesa, então colônia britânica. São apenas dois de muitos exemplos dessa cobiça.

A partir dos anos 1990 com a queda da URSS, os aliados da OTAN não tinham mais ameaça militar a seus territórios, ganhando liberdade de ação para se projetar em âmbito global. Cunharam então o conceito de *novas ameaças*, na verdade meros pretextos para *justificar* a expansão e impor globalmente seus interesses. Aí se insere a questão indígena. Líderes mundiais propuseram publicamente a ingerência internacional no aproveitamento das riquezas dos espaços pouco explorados de outras nações, tendo estadistas como Mitterand (1989), John Major (1992) e Gorbachev (1992) citado nominalmente a Amazônia. Hoje, as potências estrangeiras são mais sutis, usando ONGs, grupos privados e organismos internacionais como a OEA e a ONU na vanguarda, para pressionar pela autonomia das terras indígenas (TIs) brasileiras e impedir projetos nacionais de desenvolvimento na região. Querem preservar hoje para explorar amanhã, impondo acesso privilegiado aos recursos amazônicos à revelia dos interesses e direitos brasileiros.

Essa *marcha da insensatez* começou com a demarcação da TI Ianomâmi (1991) e prosseguiu com as do Alto Rio Negro (1998), Vale do Javari (2001), Tumucumaque (2002), Raposa Serra do Sol (2005) e Trombetas-Mapuera (2008) que cobriram, perigosamente, a fronteira ao norte e a sudoeste do rio Amazonas. Todas nos governos Collor, FHC e Lula. Em todo o Brasil, 608 TIs já ocupam 13% do território nacional, área igual às do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e sul de Minas Gerais somadas. Tudo para apenas 600 mil indígenas, separados dos 200 milhões de irmãos brasileiros pela política segregacionista de governos também complacentes com a campanha

desnacionalizadora e separatista de ONGs estrangeiras em TIs, temerosos de reações internacionais.

A *marcha* avançou em 2007 quando o governo votou pela Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas na ONU, aceitando que eles tenham autogoverno, autodeterminação, instituições políticas e sistemas jurídicos próprios, constituam *nações indígenas* e vetem atividades militares e medidas de governo nas TIs. É autonomia superior à dos estados da Federação e, com 608 TIs, como ficará a governabilidade do País? O artigo 42 da Declaração ampara a intervenção internacional para obrigar o seu cumprimento, agredindo soberanias e patrimônios nacionais e tornando inócuo o artigo 46, que garante apenas a integridade territorial e unidade política dos Estados. Estas se tornaram ilusórias para o Brasil após limitar a própria soberania reconhecendo, em seu interior, 608 *nações indígenas*, estrangeiras para a comunidade global que não reconhece o índio como brasileiro. Os indígenas já podem exigir o cumprimento da Declaração. Se não forem atendidos e se revoltarem, havendo repressão do governo, solicitariam a intervenção da ONU com base em Resolução de 2005 – “*Responsabilidade de Proteger*”. Povo, território, nação e instituições políticas praticamente formam um estado-nação.

A *marcha* foi reforçada, mais uma vez pelo governo, ao lançar o Programa Nacional de Direitos Humanos (2009), onde preconiza tornar constitucionais os instrumentos internacionais de direitos humanos não ratificados pelo Congresso Nacional. Se isso acontecer, caem as 18 ressalvas constantes na decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre a demarcação da TI Raposa Serra do Sol, que resguardam a soberania nacional em todas as TIs. A Portaria nº 303/2012 da AGU, que regulamentaria essas ressalvas, foi suspensa pelo ministro da Justiça após as pressões de praxe. Uma decisão da mais alta Corte do País contestada com êxito por ONGs estrangeiras e movimentos internos. Um absurdo!

O senador roraimense Mozarildo Cavalcanti (Diário do Senado Federal, 23-09-2005, p. 31758) condenou a demarcação da TI Raposa Serra do Sol em terras contínuas e evidenciou a pressão internacional, reconhecida pelo então Presidente da República. Disse o senador: “*O Presidente Lula, na última audiência em que tive com Sua Excelência, o Senador Augusto Botelho presente, o Governador do Estado, os deputados (---) perguntou: quantos eleitores têm em*

Roraima? (---) Sua Excelência balançou a cabeça e disse que estava sendo pressionado pela USP, pela OEA, pelas ONGs europeias”. A propósito, o Príncipe Charles, criador da ONG *Prince's Rainforests Project*, que promoveu diversos encontros na Europa com lideranças indígenas e políticos brasileiros, defendendo aquela demarcação em terras contínuas, foi recebido pelo Presidente de República às vésperas da reunião decisória do

STF sobre o tema em março de 2009. Coincidência ou pressão?

A soberania na Amazônia já é limitada, de fato, coroando a *marcha da insensatez* empreendida por lideranças que colocaram projetos pessoais e vaidades acima do interesse nacional ou, com espírito mercantilista, negociaram soberania pensando gerar retorno econômico-financeiro ao País como se dignidade nacional fosse mercadoria de troca. A Nação, omissa, também é responsável.

AMAZÔNIA E A “MARCHA DA INSENSATEZ” II (2011)

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

Este texto é continuação do artigo “Amazônia e a ‘Marcha da Insensatez’ I”, sobre a política amazônica dos últimos governos brasileiros. Como no primeiro, remete-se ao nome do livro da historiadora Barbara Tuchman, escrito na década de 1980, pois insensatez caracteriza a política governamental naquela região desde os anos 1990.

A História ensina que cenários semelhantes, mesmo em episódios distintos e distantes no tempo e no espaço, tendem a desfechos análogos se as lideranças seguirem ou não princípios estratégicos que a experiência consagrou como definidores do resultado de eventos geopolíticos nas relações internacionais. Em estratégia, o tempo não se conta por anos, mas sim por décadas, portanto, erros cometidos em determinado momento terão consequências desastrosas muitos anos depois. Algumas vezes, uma solução tática se afigura como excelente para resolver uma situação no presente, mas ela poderá ser causadora de problemas muito mais graves no futuro. A estratégia deve guiar a tática e não o inverso. Ao se dobrar seguidamente aos desígnios de Hitler entre 1933 e 1939, para resolver questões pontuais de política externa na Europa, o Reino Unido e a França, pensando salvar a paz, permitiram a consolidação do poder político do ditador nazista, enfraqueceram a oposição alemã, deram tempo ao fortalecimento militar germânico e assim, pela imagem de fraqueza transmitida, contribuíram para o desencadeamento da II Guerra Mundial.

Dois casos históricos de perda de soberania e integridade territorial devem servir de alerta à Nação. O mais recente foi a independência do Kosovo, província antes pertencente à Sérvia, mas cuja população era 90% de origem albanesa. Em 1974, o Kosovo recebera autonomia, que foi

cassada em 1999, levando sua população à revolta. Ante a violenta reação da Sérvia e não tendo seu consentimento para entrar com forças de paz na região, a OTAN, sem o aval do Conselho de Segurança da ONU, moveu uma campanha aérea arrasadora e dobrou aquele país, que acabou aceitando uma missão de paz sob Mandato da ONU. O direito de soberania na região em pauta, assegurado no Mandato ONU, não foi suficiente para a Sérvia manter a integridade territorial, pois o Kosovo declarou independência em 2008, rapidamente reconhecida pela comunidade mundial numa clara demonstração de que *o direito é filho do poder*. O desmembramento da Sérvia, histórica aliada da Rússia, e não a proteção da população albanesa era o real interesse dos aliados da OTAN, pois praticamente alijava aquela potência da Europa Oriental.

A Bolívia vendeu o Acre, em 1903, por não o ter ocupado com seu povo após o Tratado de Ayacucho de 1867, que lhe fora favorável. Quando quis fazê-lo, em 1898, o Acre estava ocupado por brasileiros, desde 1877, mesmo sem o aval do Governo do Brasil. Eram nordestinos liderados por seringalistas brasileiros que exerciam o poder local no vazio deixado pelo povo e Governo da Bolívia. Este tentou expulsá-los à força, sem êxito, tendo o Acre declarado a independência em 1902 e a intenção de se incorporar ao Brasil. A questão foi resolvida diplomaticamente com a compra do Acre e outras concessões feitas pelo Brasil. O tempo estratégico passou de três décadas.

No quadro a seguir, se compara sumariamente a história da perda do Acre pela Bolívia com a da *marcha da insensatez* nas Terras Indígenas da Amazônia, iniciada nos anos 1990.

Situações distantes no tempo e espaço, mas têm analogias que devem preocupar a Nação.

O arrendamento do Acre ao Bolivian Syndicate, delegando-lhe autoridade para expulsar os brasileiros da região com o uso da força, foi o reconhecimento tácito pelo Governo boliviano da incapacidade de controlar parte de seu território. De fato, foi uma voluntária abdicação da própria soberania na região, que jamais lhe seria devolvida, haja vista a cobiça e o poder das potências que se encontravam por trás daquela empresa comercial. A Bolívia trazia para dentro da Amazônia o Reino Unido, que ampliava sua presença já

existente na Guiana Inglesa, e os EUA, aonde autoridades militares e políticas vinham, há muito tempo, manifestando o propósito de separar a região do Brasil. Como disse Eduardo Prado em “A Ilusão Americana”: “O general Grant, num discurso pronunciado em 1883, numa recepção ao general mexicano Porfirio Diaz, chegou a dizer que os Estados Unidos necessitavam de três coisas somente, porque o resto tudo tinham no seu país. As três coisas eram: café, açúcar e borracha. E o general disse: Seja como for havemos de ter café, açúcar e borracha” (o grifo é nosso).

ANALOGIAS: ACRE (1867- 1903) x TERRAS INDÍGENAS (1991 ---)

SITUAÇÃO ACRE/ TI	BOLÍVIA - AC	BRASIL - TI	PROBL - AMEAÇA
ACRE e TI - AUSÊNCIA ESTADO e POPULAÇÃO NACIONAIS	VAZIO de PODER	VAZIO de PODER	REGIÕES RICAS e COBIÇADAS
ACRE: OCUPAÇÃO por SERINGALISTAS e SERINGUEIROS (BR)	SEM LIGAÇÃO AFETIVA e SEGREGADOS	LIGAÇÃO AFETIVA era com o BRASIL	DESCOMPROMISSO REVOLTA e INDEPENDÊNCIA
TI: OCUP por INDÍGENAS SEGREGADOS e LIDERADOS ONG INTERNACIONAIS	-----	ONG : INDÍGENAS = “POVOS e NAÇÕES” NÃO BRASILEIRAS	DESCOMPROMISSO PRESSÕES INTERNACIONAIS
ACRE: ARRENDAMENTO ao BOLIVIAN SYNDICATE (anglo-americana)	AUTORIDADE e RESPONSABILIDADES	-----	DELEGAÇÃO de SOBERANIA
TI: GOVERNOS BRASIL DELEGAM às ONG INTERNACIONAIS	-----	AUTORIDADE, RESPONSABILIDADES e RECURSOS	DELEGAÇÃO de SOBERANIA
TI: FUTURO - GRANDES POP INDÍGENAS SEGREGADAS e DESNACIONALIZADAS	HISTÓRICO dos BRASILEIROS no ACRE (REVOLTA e INDEPENDÊNCIA)	TI - AUTONOMIA e SOBERANIA, apoio ONU e POTÊNCIAS	DECL. DIRT. POVOS INDÍGENAS e RESPONSABILIDADE de PROTEGER

OBSERVAÇÕES:

(*) Os indígenas não são considerados brasileiros também pela comunidade internacional.

(**) Indígenas evocarão esses dois instrumentos internacionais para ter autonomia e soberania nas Tis.

(ver “Amazônia e a ‘Marcha da Insensatez’ I”).

A análise das questões do Kosovo e do Acre permite concluir: num país onde uma região rica e de importância geopolítica seja um vazio de poder, sem população nacional, ocupada por população segregada, sob liderança alienígena e ligada a outros países projeta-se um cenário de perda de soberania e integridade territorial a despeito do direito internacional. Este é o cenário desenhado em Roraima, com potencial de expansão

até o Amapá. Ao contrário de Sérvia, Bolívia e Brasil, a China povoou a província do Xingiang com etnia han, limitando a força do movimento separatista dos uigures. A China aprendeu com a história a resistir a pressões estrangeiras. O Brasil era assim até os governos nitidamente internacionalistas de Collor e FHC e o pseudonacionalista de Lula.

“...se não te apercebes para integrar a Amazônia na tua civilização, ela, mais cedo ou mais tarde, se distanciará, naturalmente, como se desprega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga de seu próprio movimento”. Euclides da Cunha.



VOCÊ SABIA?

- Em 1386, Portugal e Inglaterra firmam o Tratado de Windsor (09 Mai), pelo qual tornaram-se aliados permanentes.
- Em 1535, nativos vivendo na região do Canadá utilizaram a palavra “Kanata” para explicar ao explorador francês Jacques Cartier o caminho à aldeia de Stadacona, origem de Quebec. Acredita-se que a origem do nome Canadá venha daquela palavra iroquesa, que significa aldeia ou povoado.
- Neste mesmo ano: Criação do Vice-reinado do México.
- Que a Doutrina Monroe já foi invocada contra o Brasil? Em 1826, em função da Guerra da Cisplatina, o Presidente da Argentina Bernardino de la Trinidad Gónzalez Rivadavia y Rivadavia invoca a Doutrina Monroe junto aos EUA contra o Brasil “que estaria vinculado aos poderes europeus e à Santa Aliança” (24 Ago).



PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA REVOLUÇÃO DE 1964

Pedro Calmon, Professor e acadêmico, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

(Publicado em março de 2019 no Jornal Inconfidência, pg. 28)

Vista de longe, e do alto, ou seja, nas suas perspectivas históricas, a Revolução de 1964 surge-nos como um movimento irresistível de opinião em que as Forças Armadas cumpriram o seu papel tradicional de mediar entre os extremos, de restabelecer o equilíbrio, de assegurar a continuidade, de antepor à desordem (ramificada em todos os níveis do Poder) o espírito conservador (consolidado em todas as camadas sociais).

Antes de tudo, não foi uma insurreição de ideologia desfraldada; foi autenticamente uma contra-revolução comandada paralelamente pelos sentimentos clássicos da nossa gente e pelas responsabilidades irrenunciáveis dos chefes militares. Aqueles, antes

destes, demonstraram o imperativo da ação como um desenlace natural da crise.

Quem a dirigiu? Qual, pessoalmente o condutor, supremo da rebelião -- contra a desorganização, a ilegalidade, o caos? Quem perante o futuro por ela responde? A posteridade dirá: a consciência coletiva.

Traduz-se por um estado de convicção, em que se aliam o temor do pior e a esperança do melhor, nessa amálgama de protesto e afirmação que teve o colorido inédito da participação feminina, as mulheres maciçamente na rua, rosário nos dedos, corajosas e sombrias, regando com aflição o seu apoio (o tremendo veto doméstico à “mudança”) aos obscuros objetivos da política que destroçava a hierarquia, que anulava a

Constituição, que subvertia o trabalho, que empurrava o País para a aventura ainda sem nome (sindicalismo, socialismo, mas de que espécie, populismo, mas de que natureza?) contudo, ameaçadora e dúbia, como se devesse o Brasil uma distorção violenta, análoga às das nações europeias depois da Grande Guerra: Formou-se, com a mobilização espontânea das massas, que reclamavam a normalidade, contra o recrutamento ruidoso das massas, que pediam o desfecho catastrófico, a psicologia da intervenção.

De tal modo exprimiu a absoluta maioria do pensamento nacional, que a contrarrevolução de 31 de março transbordou dos quartéis sem que a detivessem, ali ou acolá, as arregimentações hostis. Não se toldou com a fumaça dos combates. Tornou-se a marcha batida para a recuperação pacífica do regime. Instalou-se num abrir e fechar de olhos, sem ter de chorar os mártires; coroada pela satisfação pública; tão aceita e compreendida como se desempenhasse uma função obrigatória no quadro confuso dos acontecimentos; quase unânime, pela primeira vez na história; mãos desatadas, a euforia transparente na serenidade; à frente, o estado-maior "legal"; livre das atabalhoadas precipitações; guiada e interpretada pelos generais que lhe assumiram a sorte; por isso mesmo convidada a governar de acordo com a sua índole, os seus compromissos, o seu passado.

Foi sábia a Revolução, conservação, apesar das cassações, o Legislativo. Foi lógica dando a presidência ao General Castello Branco. Foi prudente editando as fórmulas do seu funcionamento. E foi exemplar, aplicando-se ao processo valente da regeneração financeira, como base do desenvolvimento econômico, restituindo ao comércio e à indústria a confiança nas instituições.

Se seguirmos a sua parábola nessa ordem de fatos -- o que de positivo e criador promoveu a Revolução de 1964 -- temos num largo painel o seu retrato. Replantou a calma, refez a tranquilidade, impôs a evolução, serenou o Brasil -- sob os auspícios dos membros elementos decisórios que a desencadearam, prolongando-lhes a presença e a autoridade nesse decênio que precisa ser estudado nas estatísticas e nas consequências, mais do que nos homens e nas ideias.

Não importam os pormenores. Salientem-se o que de estrutural, de dinâmico, de estridentemente brasileiro tem o período, começado em 1964 pelo encerramento da época das graves perturbações. Tempo suficiente para que sobre ele se debruce não só o sociólogo, vem-lhe os fenômenos, como o historiador, descobrindo-lhe a fisionomia. É necessário concluir: o seu saldo de benefícios favoreceu amplamente o progresso e a estabilidade, que é como se disséssemos, a permanência e o crescimento da Pátria! Ela fará justiça a Castello Branco e Costa e Silva, a Garrastazu Médici e Ernesto Geisel.

Livros adquiridos e à disposição dos integrantes da AHIMTB/RS



AXT, Gunter. Gênese do Estado Moderno do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Paiol, 2011.



LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. Marechal Eurico Gaspar Dutra: O Dever da Verdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.



Informo que a partir deste mês o nosso site www.acadhistoria.com.br possui capacidade ilimitada para publicação de trabalhos. Todas as edições de O Tuiuti lá estão, assim como outros textos e informações. Por favor, acesse e verifique.

EDITOR:
LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS
CEL INF EM PRESIDENTE DA AHIMTB/RS
LECAMINHA@GMAIL.COM
SITES:
WWW.AHIMTB.ORG.BR
WWW.ACADHISTORIA.COM.BR
SITE DO NEE/CMS: WWW.NEE.CMS.EB.MIL.BR
SITE DO NÚCLEO MILITAR DE GRAMADO: WWW.NUCLEV.COM
BLOG DA DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM CRUZ ALTA:
HTTP://ACADHISTORIACRUZALTA.BLOGSPOT.COM.BR/